

Ciência para Todos: O câncer de pele e as radiações ultravioleta no telejornalismo brasileiro-O papel educativo e a percepção das matérias de CT&I na mídia brasileira¹

Marcio Vieira Oliveira²
Universidade Federal do Rio Grande

Resumo

A ciência é, hoje, sem dúvida um dos temas que vêm ganhando destaque nos noticiários televisivos. O Jornalismo Científico compreende a veiculação, segundo os padrões jornalísticos, de informações sobre ciência, tecnologia e inovação e se caracteriza por desempenhar inúmeras funções. Este artigo tem por objetivo mostrar um estudo qualitativo das matérias de CT&I no telejornalismo brasileiro de canal aberto do horário nobre, dando ênfase nas reportagens relacionadas as informações sobre o câncer de pele e as radiações ultravioletas, com a finalidade de perceber o caráter educativo das mesmas.

Palavras-chave

Ciência; Comunicação Científica; Televisão



1. Delimitando caminhos: a proposta de estudo

O Jornalismo Científico compreende a veiculação, segundo os padrões jornalísticos, de informações sobre ciência, tecnologia e inovação e se caracteriza por desempenhar inúmeras funções. Em primeiro lugar, ele cumpre o papel, absolutamente indispensável num país onde o ensino formal de ciências é precário, de contribuir para o processo de alfabetização científica, permitindo aos cidadãos tomar contato com o que acontece no universo da ciência e da tecnologia. Trata-se de uma função eminentemente pedagógica a ser cumprida pela mídia, complementar ao da educação, e que atinge não apenas aqueles que já deixaram a escola, mas sobretudo os que estão dela excluídos por inúmeros motivos. Em segundo lugar, esta divulgação pelos meios de comunicação de massa promove a democratização do conhecimento científico, ampliando o debate sobre

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande.

temas relevantes de ciência e tecnologia. Se realizada com compromisso e espírito público, ela convoca os brasileiros para participar do processo de tomada de decisões e retira de uma elite (que normalmente se beneficia das benesses do progresso técnico) o poder exclusivo de decidir onde, quanto e como investir em ciência e tecnologia. Esta função se reveste de caráter político (não partidário) no seu sentido mais amplo porque favorece a explicitação dos interesses envolvidos no financiamento, produção e aplicação da ciência e da tecnologia. Finalmente, o Jornalismo Científico abre oportunidade para que os centros produtores e financiadores de ciência e tecnologia (e os pesquisadores em particular) possam prestar contas à sociedade dos investimentos realizados em pesquisa e desenvolvimento, essenciais para a soberania de uma nação.

Tradicionalmente, a literatura em Jornalismo Científico concentra-se, prioritariamente, em discutir a relação entre cientistas/pesquisadores e jornalistas/divulgadores de ciência ou explora a dificuldade de adaptação do discurso científico, geralmente hermético, ao universo da maioria dos cidadãos, relegando a segundo plano outras temáticas não menos importantes.

É evidente que ainda existem incompreensões entre quem faz e quem divulga ciência no Brasil, especialmente porque estamos nos referindo a dois sistemas de produção bastante distintos e com características peculiares, a ciência e a tecnologia e o Jornalismo. Estas incompreensões diminuem sensivelmente quando cada um dos lados passa a ter uma visão mais lúcida do outro e, particularmente, quando pesquisador e jornalista estão identificados com os mesmos objetivos: a alfabetização científica e a democratização do conhecimento, por exemplo

A pesquisa:

Esse artigo é fruto do projeto de pesquisa de doutorado em Educação em Ciências que tem como foco examinar a contribuição das matérias sobre Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), nos telejornais brasileiros, identificando e analisando as representações sociais que possuem a sociedade, após o exercício da recepção de programas televisivos que tratam da temática científica.

Para que tal pesquisa seja realizada será analisado a cobertura de CT&I, em especial as notícias sobre Câncer de Pele e as consequências da radiação ultra violeta nos telejornais: *Jornal da Band, Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal da Cultura e SBT Brasil, que representam a grande mídia nacional* nos seguintes aspectos: a) conteúdo; b) linguagem; c) formato e d) recursos empregados.

Outra pergunta que queremos responder é como as reportagens de cunho científico podem funcionar como ferramentas para a educação?

Pretendemos, também, detectar o espaço que as matérias sobre CT&I, em especial as notícias sobre Câncer de Pele e as consequências da radiação ultra violeta ocupam em relação ao total de matérias nos telejornais selecionados, no período pré-determinado e dessa forma observarmos como são apresentadas as falas/opiniões de cientistas, professores, institutos de pesquisa, repórteres, sociedade, poder público etc. e como tais informações/opiniões se inserem na matéria e são confrontadas ou corroboradas entre si.

O objeto dessa pesquisa são os programas jornalísticos de canal aberto e de alcance nacional, transmitidos no horário nobre da televisão brasileira, o qual compreende o período das 19h até as 22h, de segunda a sexta feira. São eles: *Jornal da Band, Jornal da Record, Jornal da Globo, Jornal da Cultura e Jornal do SBT*. O corpus de pesquisa desse trabalho será composto por reportagens jornalísticas informativas que tratam de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), mais especificamente as reportagens veiculadas sobre a temática do câncer de pele e as radiações que provocam essa doença.

Serão analisadas as reportagens veiculadas durante os meses que antecedem o verão e durante o mesmo e também durante o inverno do ano de 2010.

2. Caminhos Metodológicos

Esta tese realizará, prioritariamente, um estudo qualitativo das matérias de CT&I no telejornalismo brasileiro de canal aberto do horário nobre, dando ênfase nas reportagens relacionadas as informações sobre o câncer de pele e as radiações ultravioletas, com a finalidade de perceber o caráter educativo das mesmas. Para

proceder à investigação sistemática do objeto de estudo, de início, será realizada uma Análise Descritiva das matérias informativas sobre CT&I. Depois disso, empregar-se-á bases metodológicas da Análise de Discurso Francesa (AD), no que tange às contribuições que esta pode trazer especificamente à análise das matérias jornalísticas sobre CT&I.

Concomitantemente às análises Descritivas, de Discurso e de Recepção, serão realizadas Análises Comparativas entre as matérias estudadas, em relação aos dados qualitativos, e também quantitativos, obtidos.

3. A Ciência e a televisão - Meios de comunicação de massa divulgando a ciência

A ciência é, hoje, sem dúvida um dos temas que vêm ganhando destaque nos noticiários televisivos. “Temas relacionados à Ciência e à Tecnologia vêm tendo sua influência potencializada em várias esferas de atuação humana, situação que os leva a ocupar com progressiva frequência e particular destaque o âmbito dos discursos mediáticos” (BELDA, 2002, p.122).

Calvo Hernando (2000) salienta que a Divulgação Científica de modo geral possui basicamente dois eixos a serem destacados, um que se refere ao conhecimento, que representa o de informar ao sociedade os avanços e as descobertas científicas da atualidade, e outro vinculado, à atuação social, em relação às conseqüências que o desenvolvimento científico e tecnológico pode ocasionar.

As reportagens de Ciência e Tecnologia (C&T) de acordo com Bueno (1984), devem cumprir algumas funções: ter caráter informativo, sem esquecer de ser educativa e social, com ainda o cunho cultural e político-ideológica.

Ao dar a informação, a reportagem sobre Ciência e Tecnologia atualiza e complementa e atualiza conhecimentos e, neste sentido, educa transmitindo a informação, atua sobre a sociedade e a cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-ideológicas.

O meio televisivo é vítima de uma certa “preguiça de análise”, afirma Wolton (1996). Segundo o autor, o caráter popular, simples e banal da televisão torna esse meio

um assunto considerado de menor importância por pesquisadores. Outro motivo para essa explicação é que a discussão e análise da televisão torna-se difícil por esta ser de consumo essencialmente privado, mas que traduz uma atividade coletiva.

Para Hoineff (1996), Um das críticas que corrobora para a dificuldade de estudar a televisão e seus fenômenos é a questão da massificação das mensagens. Segundo o autor a grande dificuldade de pensar sobre televisão ocorre, em grande parte, por causa de sua multifacetação política, ideológica e estética. “(...), ressalvadas as nuances, todas as novelas, os telejornais, os talk-shows tanto se parecem. Muitos estudiosos se deparam com nítidas dificuldades ao examinar estes modelos” (p. 57).

Para Araújo (1999, p. 268), pesquisar a televisão e suas interfaces é algo que tem seu lado positivo e negativo. Destacamos como positivo o fato da televisão ser nova, a sua história é recente, se comparada aos jornais impressos, o rádio e o cinema, e dessa forma há muito o que ser pesquisado e explorado em termos de conhecer mais esses meios. O lado negativo salientado por Araújo refere-se a falta de um passado. “Numa situação de liberdade quase plena, os caminhos a seguir são inúmeros. Aquele que nos ocorre mais imediatamente, o mais enganoso, consiste em assimilar a TV a formas preexistentes de arte”.(p. 268),

Sobre às críticas sobre os meios de comunicação televisivos, Rocco (1999) afirma que ninguém consegue permanecer indiferente a televisão, já que esta propicia posicionamentos diferentes entre pesquisadores e a sociedade em geral. Para ele, enquanto muitos a vêem como uma porta aberta para o mundo, outros, a percebem como o mais alienante veículo da indústria cultural.

Machado (2000) faz sérias críticas as pesquisas que são feitas sobre televisão e a percepção que os pesquisadores têm desse meio, pois segundo ele as pesquisas isolam a televisão a apenas ligada ao consumo e a superficialidade, ou seja, que não existe nada além dos sujeitos serem expectadores. Segundo ele, por mais que pareçam existir pesquisas e que essas avancem em seus conteúdos, continua a idéia antiga de que televisão é um “serviço”, sistema de difusão, fluxo de programação, ou, numa acepção mais “integrada”, produção de mercado.

Para o autor, o que importa para os estudiosos não é o que acontece de fato

dentro das telas televisivas e sim o sistema aos quais estamos inseridos, ou seja, o que acontece em nossa sociedade e o que está por trás desse mesmo, como as questões políticas, econômicas e tecnológicas nos quais se produzem as regras de produção e as condições de recepção. Dessa forma, toda a atenção volta-se “para a estrutura genérica do meio, entendida como tecnologia de difusão, empreendimento mercadológico, sistema de controle político-social, sustentáculo do regime econômico, máquina de moldar o imaginário e assim por diante” (Machado, 2000, p. 16).

Dada a grande diversidade de enfoques que o estudo da televisão pode ter, torna-se imprescindível ao pesquisador buscar metodologias diversas e complementares, compatíveis com a complexidade e especificidades do veículo.

A natureza da televisão não permite ao pesquisador ou ao cidadão comum qualquer possibilidade de fazer comparações com outros períodos e outras formas de expressão cultural. Exige, sim, a criação de outros métodos de análise: isolar o artifício, conhecer o seu sistema material, aprender a ver e a ouvir, distinguir o que pode arruinar valores e sentimentos (NOVAES, 1999, p. 9).

É necessário que se considere diversos fatores, que não podem ser isolados e observados separadamente na produção televisiva como: a questão técnica e tecnologia empregada, à produção das mensagens, ao conteúdo informado e exibido, aos níveis de qualidade exigidos pela emissora que padroniza as informações e características, os recursos financeiros disponíveis e às relações interpessoais. Esses dados não podem ser tratados como aspectos isolados e independentes na análise da televisão. “Uma reportagem em televisão é sempre o resultado do trabalho feito por uma equipe multifuncional” (CURADO, 2002, p.23).

Saliento ainda um outro aspecto de grande importância no processo de comunicação pela televisão e que não pode ser ignorado, o qual consideramos a instância do receptor. De acordo com Peixoto (1999), o telespectador tem uma atenção que é dispersa, enquanto a televisão os atinge com uma quantidade de imagens sem rupturas. “A televisão é este contínuo de imagens, em que o telejornal se confunde com o anúncio de pasta de dentes, que é semelhante à novela, que se mistura com a transmissão de futebol. Os programas mal se distinguem uns dos outros” (p. 77).

Um dos conceitos fundamentais para se pensar a relação com a televisão é o de mediação. Trata-se, segundo Martin-Barbero (2001, p. 270), das articulações entre as práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais.

Para Baccega (2003, p. 12), existe entre o telespectador e a televisão uma série de aspectos referentes ao universo do receptor, os quais serão importantes e determinantes na interpretação que o usuário faz do que está assistindo.

O sucesso da audiência e a fascinação que a TV exerce sobre o público, por sua característica de entretenimento de fácil acesso e divulgador de informações, assim como os questionamentos quanto aos baixos níveis informativo, educativo e cultural da programação dos canais abertos, representam parte da complexidade que envolve o estudo desse meio de comunicação.

Ela é ao mesmo tempo, uma grande janela iluminada que leva entretenimento para muitas pessoas, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, sem questionamentos o mais democrático e igualitário possível. Pela televisão cada um se serve como quer, sem ter de fazer referências ou prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, pois o controle remoto é a principal ferramenta para tal ato, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (WOLTON, 1996, p.65).

Considerações finais

Levando em conta os aspectos ligados ao estudo da televisão no geral, e mais especificamente sobre a presença da Ciência, da Tecnologia e da Inovação através das reportagens sobre o câncer de pele e as radiações ultravioletas nos programas telejornalísticos, essa pesquisa está centrada na interface entre a televisão, que é um meio de comunicação de massa, a Divulgação Científica e o jornalismo, um dos pilares da comunicação, nos aspectos ligados ao formato, à linguagem e ao conteúdo das matérias, bem como à recepção de tais mensagens por um público determinado.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Inácio. O trabalho da crítica. In: NOVAES, Adauto (org.). **Rede imaginária: televisão e democracia**. 2ª ed. SP: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola**. uma mediação possível? São Paulo: Editora Senac de São Paulo. 2003.

BELDA, Francisco Rolfsen. A informação científica no noticiário: um estudo dos mecanismos de reformulação lingüística influentes no discurso jornalístico de divulgação. In: **Revista Comunicarte** nº 25, Volume 1. Campinas. PUC-Campinas. 2002.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico, ciência e cidadania. In: MORAIS DE SOUZA, Cidoval. (org.). **Comunicação, ciência e sociedade: diálogos de fronteira**. Taubaté/SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes (ECA), USP. São Paulo, 1984.

CALVO HERNANDO, Manuel. La comunicación de la ciencia al público, un reto del siglo XXI. In: KREINZ, Glória & PAVAN, Crodowaldo (org.). **Os donos da paisagem: estudos sobre divulgação científica**. São Paulo: NJR/ECA/USP, 2000.

CURADO, Olga. **A notícia na tv: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura, hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

NOVAES, Adauto. As tramas da rede. In: NOVAES, Adauto (org.). **Rede imaginária: televisão e democracia**. 2ª ed. SP: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de

Cultura, 1999.

PEIXOTO, Nelson Brissac. As imagens de tv têm tempo? In: NOVAES, Aauto (org.). **Rede imaginária**: televisão e democracia. 2ª ed. SP: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. As palavras na tv: um exercício autoritário? In: NOVAES, Aauto (org.). **Rede Imaginária**: televisão e democracia. 2ª ed. SP: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão**: desmassificação e o impasse das grandes redes. RJ: Comunicação Alternativa: Relume Dumará, 1996.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

